



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
Faculdade de Educação e Psicologia

RELATÓRIO REFLEXIVO E TEORICAMENTE FUNDAMENTADO

Relatório apresentado à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação

- Especialização em Administração e Organização Escolar -

Alexandra Morais Wunderly Gomes

Porto, Setembro de 2012



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Faculdade de Educação e Psicologia

Um percurso com mudança de trajetória em contexto escolar

Relatório apresentado à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação

- Especialização em Administração e Organização Escolar -

Alexandra Morais Wunderly Gomes

Trabalho efectuado sob a orientação de

Prof. Doutor António Fonseca

Porto, Setembro de 2012

Índice

Introdução.....	1
1. Psicóloga num contexto de liderança e gestão escolar.....	2
1.1. Caracterização do estabelecimento integrado Centro Infantil Espinho II – Santa Casa da Misericórdia de Espinho	4
1.2. Caracterização das funções de Diretora	6
1.3. Análise da organização escolar.....	11
2. Psicóloga num contexto educativo.....	15
2.1. História dos Serviços de Psicologia em Portugal.....	17
2.2. O percurso no Serviço de Psicologia e Orientação do Colégio Nossa Senhora de Lourdes.....	22
Conclusão.....	26
Bibliografia	
Anexos	

Introdução

A proposta da elaboração de um relatório reflexivo teoricamente fundamentado consiste numa estratégia para o desenvolvimento progressivo e consonante com o decurso dos profissionais. Esta reflexão pressupõe um certo distanciamento crítico relativamente às práticas e um esforço de integração compreensiva dos vários aspetos das mesmas, contribuindo para o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais.

Foi neste sentido que eu abracei esta proposta e encarei este trabalho como uma oportunidade de reflexão do meu percurso profissional, como fator facilitador do processo de reflexão sobre as práticas e conseqüentemente como fator de desenvolvimento pessoal.

Irei debruçar-me fundamentalmente sobre a minha experiência mais recente enquanto Diretora técnica de um Centro Infantil com respostas ao nível da creche e pré-escolar, fazendo em primeiro lugar uma descrição e análise da realidade que encontrei, seguida de uma reflexão ao nível da respetiva organização escolar, nomeadamente, a sua complexidade e especificidade.

De seguida, abordarei as aprendizagens profissionais mais significativas do meu percurso profissional enquanto psicóloga, num Serviço de Psicologia e Orientação numa instituição privada, e que se revelaram a principal fonte de desenvolvimento de formação pessoal e profissional. Farei uma reflexão acerca das competências que desenvolvi enquanto psicóloga e que continuam presentes no papel de liderança que exerço neste momento e se tornaram essenciais para uma ação mais eficaz.

1. Psicóloga num contexto de liderança e gestão escolar

Recentemente o meu percurso profissional sofreu uma mudança, uma vez que assumi funções de Diretora técnica no Centro Infantil Espinho II da Santa Casa da Misericórdia de Espinho. Apesar desta alteração nas funções que agora desempenho, uma situação não alterou e que se prende com o tipo de organização onde sempre trabalhei: a Escola. Uma organização específica e complexa, onde a realidade é socialmente construída por uma multiplicidade de atores com formação, percursos e perspetivas educativas diferentes. O trabalho da organização, ao visar a educação, torna singular os processos e os produtos. Os objetivos da organização são percebidos, valorizados e avaliados diferentemente pelos atores que interagem no espaço escolar. Podemos encontrar diferentes papéis e funções na Escola, mas os principais beneficiários são, à partida, os alunos, isto é, com quem e para quem os seus membros trabalham, sendo estes diretores, professores ou outros colaboradores.

A liderança é um dos assuntos mais abordados no estudo contemporâneo das organizações e é uma das premissas essenciais para o sucesso das escolas. Vários autores ao nível do estudo das organizações escolares apresentam a reflexão entre dois papéis: o de gestor, como aquele que cumpre as leis e se preocupa essencialmente com o funcionamento quotidiano da escola, e o de líder, como aquele que tenta envolver todos os atores na missão da organização, ultrapassando os interesses individuais e tentando alcançar os objetivos definidos para a escola.

Nesta nova função, rapidamente percebi que teria de fazer um profundo e imediato conhecimento da organização no seu trabalho diário, tentando estar no local onde a ação se desenrola e através da interação com as pessoas envolvidas. “O que é importante é compreender a relação entre os conceitos e a forma como colocar em prática, através da ação diária, as políticas e planos,

no sentido de satisfazer os objetivos e aspirações da escola. As políticas e os planos devem refletir a realidade do ambiente organizacional, sendo que as ações devem ser dirigidas para a concretização dos fins declarados” (Whitaker 2000, p. 161).

1.1. Caracterização do estabelecimento integrado Centro Infantil Espinho II – Santa Casa da Misericórdia de Espinho

O Centro Infantil Espinho II começou a funcionar em 15 de Outubro de 1977. Inicialmente pertencia ao Instituto de Obras Sociais, tendo sido mais tarde integrado, após a abolição deste organismo, no Centro Regional de Segurança Social de Aveiro. Em Setembro de 1993 foi assinado um protocolo de gestão com a Stª Casa da Misericórdia de Espinho que vigora até hoje. Neste momento, o edifício continua a pertencer à Segurança Social e a gestão está a cargo da Santa Casa da Misericórdia. O apoio à infância é dado através de duas respostas sociais, nomeadamente, creche e pré-escolar, com a frequência de cerca de 110 crianças.

O Centro Infantil Espinho II, segundo Nóvoa (1990, in Alves 1995), caracteriza-se por uma estrutura simples, com poucos níveis decisórios, escassez de órgãos e praticamente todo o poder concentrado numa única pessoa, a diretora. Quando integrei a instituição, apesar de existir um organigrama geral da Santa Casa de Misericórdia de Espinho, não estava ainda criado um organigrama específico da resposta social. Neste momento, após alguns meses de observação, reflexão e diagnóstico da organização, debrucei-me na elaboração de um organigrama institucional para o Centro Infantil (Anexo 1). Esta instituição tem sete educadoras, onze auxiliares de ação educativa, nove assistentes operacionais de serviços gerais e duas administrativas. O grupo de recursos humanos apresenta um regime atípico: metade das colaboradoras pertence à Segurança Social e a outra metade pertence ao regime privado, pois, são funcionárias da Santa Casa da Misericórdia de Espinho. Este foi o primeiro problema com que me deparei, uma vez que gerir uma instituição com regimes diferentes, onde os direitos também são diferentes, é um grande desafio. Passo a enunciar algumas diferenças constatadas no desempenho do quadro de pessoal (regime público vs privado): contabilização “ao minuto” do tempo de trabalho vs preocupação em exceder o horário de trabalho; consultas dentro do horário de trabalho vs

consultas fora do horário de trabalho; tabelas de remuneração diferentes (remuneração mais alta na função pública); dias de férias (aumentam de acordo com os anos de serviço vs 22 dias úteis). Inicialmente tive que realizar um grande investimento na exploração e leitura de legislação dos dois regimes, tarefa que anteriormente já fazia parte do meu quotidiano, mas sobre outra matéria e de forma menos regular.

1.2.Caracterização das funções de Diretora

De acordo com a Direção Geral de Ação Social (1996), as funções de Diretora Técnica são:

- a) zelar pelo conforto das crianças preservando a qualidade dos espaços e o atendimento, com particular atenção aos aspetos de higiene, alimentação e desenvolvimento global, assegurando a efetiva execução do projecto pedagógico;
- b) fazer a gestão dos recursos humanos e sensibilizar todo o pessoal para a problemática da infância, promovendo a sua atualização com vista ao desempenho das funções;
- c) assegurar a colaboração com os serviços de saúde e outros, tendo em conta o bem estar físico e psíquico das crianças;
- d) promover a articulação com as famílias, em ordem a assegurar a continuidade educativa.

No âmbito da Gestão:

- a) dirigir o funcionamento do estabelecimento dentro das regras definidas pela Direção da Instituição, coordenando e supervisionando as atividades do restante pessoal;
- b) cabe ao Diretor Técnico criar condições que garantam um clima de bem-estar aos utentes, no respeito pela sua privacidade, autonomia e participação dentro dos limites das suas capacidades físicas e cognitivas;
- c) providenciar para que a alimentação seja confeccionada e servida nas melhores condições, elaborando semanalmente as ementas em articulação com o setor da cozinha, do economato, dos serviços clínicos de apoio ao Estabelecimento, procedendo à sua afixação nos termos da legislação em vigor;

- d) administrar o Fundo de Maneio que lhe seja estabelecido para pequenas aquisições de carácter urgente, devidamente justificadas, através da prestação de contas;
- e) solicitar aos serviços competentes, nomeadamente à Segurança Social, seu interlocutor privilegiado, esclarecimentos de natureza técnica inerentes ao funcionamento, tendo em vista a sua melhoria;
- f) promover reuniões de trabalho com os utentes e com o pessoal, dispensando especial atenção à questão do relacionamento (inter-pessoal) prevenindo a conflitualidade e reforçando a auto-estima de todos os intervenientes na vida do estabelecimento;
- g) auscultar o pessoal no que respeita à sua formação e propor ações de acordo com as necessidades e interesse manifestado(s);
- h) elaborar o horário de trabalho do pessoal;
- i) propor a admissão de pessoal, sempre que o bom funcionamento do serviço o exija;
- j) propor a contratação eventual de pessoal, na situação de faltas prolongadas de pessoal efetivo;
- k) propor à Direção a aquisição de equipamentos necessários ao funcionamento do estabelecimento, bem como a realização de obras de conservação e reparação sempre que se tornem indispensáveis;
- l) colaborar na definição de critérios justos e objetivos para a avaliação periódica da prestação de serviço do pessoal, com vista à sua promoção;
- m) elaborar o mapa de férias e folgas do pessoal;

No âmbito do Serviço Social:

- a) estudar a situação sócio – económica e familiar dos candidatos à admissão;
- b) estudar e propor a participação do utente de acordo com os critérios definidos;

c) proceder ao acolhimento dos utentes com vista a facilitar a sua integração;

d) organizar e manter atualizado o processo individual de cada utente, fazendo parte do mesmo, para além das peças já referidas, toda a documentação de carácter confidencial. Apenas o pessoal técnico deverá ter acesso a este ficheiro.

Lembrando o estudo de Flora Costa e Jorge Adelino Costa (2007), as tarefas de um diretor escolar podem ser categorizadas em vários domínios: administrativo e financeiro, controlo, apoio técnico, pedagógico e relações humanas. No domínio administrativo e financeiro, efectuar toda a carga logística relacionada com tarefas como assinar documentos, redigir ofícios e despachar correio. No domínio do controlo, vigiar o funcionamento das diversas colaboradoras, como também o controlo sobre as despesas em geral. Relativamente ao apoio técnico, surge desde o simples tirar fotocópias, ao fornecer materiais ou redigir ofícios para outras pessoas. No domínio pedagógico, ao contrário do estudo, situo todo o trabalho de coordenação pedagógica que, nesta instituição, se mostrou inexistente. Tem-se realizado um trabalho de planificação pedagógica, no sentido de se pensar em equipa, de forma estruturada, os objetivos para esta instituição, nomeadamente, a construção de planificações segundo as metas de aprendizagem, a elaboração de um guião para a construção dos projetos curriculares de grupo (anexo 2), a elaboração de um plano anual de atividades (anexo 3), a reestruturação das fichas de informação para os pais e encarregados de educação ao nível das áreas de desenvolvimento, etc. Foram criados órgãos, como o Conselho de Educadoras e as equipas técnicas (educadoras e auxiliares de acção educativa), onde se pretende que a tomada de decisões seja mais partilhada e descentralizada, onde são apresentados os problemas e pede-se ao grupo que comente e decida, dentro de determinados limites. Foi estabelecido, em Novembro, um calendário de reuniões, onde o Conselho de Educadoras se reúne uma vez por mês com a Diretora. As Educadoras da mesma valência,

por sua vez, também se reúnem uma vez por mês. Devem existir formas de colegialidade denominadas de “fortes” e que são caracterizadas por quatro tipos de interações: contar histórias e procurar ideias; ajuda e apoio; partilha de materiais e experiências; e, finalmente, o que gera o termo colaboração, o trabalho de grupo.

Segundo Morgan (1996, in Lima e Silva, 2005), a escola deve funcionar como um sistema vivo que existe num ambiente mais amplo do qual depende em termos de satisfação das suas várias necessidades, e os seus profissionais devem funcionar como os órgãos que, em conjunto, trabalham para que a organização cumpra com os seus objetivos. Em suma, uma organização que educa deve assentar nos seguintes pilares: a *racionalidade*, como a disposição lógica dos elementos da organização; a *flexibilidade*, como a capacidade de adaptar-se às necessidades; a *permeabilidade* ou abertura em relação ao espaço exterior; a *colegialidade* para fazer frente ao individualismo, criado pela fragmentação de espaços, horários e mecanismos de colaboração (Gairin 2000, in Lima e Silva, 2005).

Finalmente, no domínio das relações humanas, parece-me ser bastante importante despende uma boa parte do tempo a mediar conflitos que surgem, a orientar, dinamizar e motivar as colaboradoras. Os conflitos fazem parte da nossa vida: conflitos individuais, sociais, institucionais, empresariais. Ao nível das instituições, a gestão de conflitos pode passar por estabelecer/reestabelecer um clima de confiança entre duas pessoas, favorecer a consolidação de um acordo entre as duas partes, criar dinâmicas relacionais responsabilizantes. No Centro Infantil, os conflitos surgem sobretudo ao nível das auxiliares de ação educativa e funcionárias da limpeza, nomeadamente, na dificuldade em que têm de estabelecer fronteiras mais flexíveis no seu serviço. Por exemplo, no caso das funcionárias de limpeza, se uma está responsável por uma determinada sala é com muita dificuldade que ajuda na limpeza de outra sala. Desta forma, reúnem-se as pessoas implícitas ao conflito, ouvem-se as duas partes e tenta-se chegar a um acordo, através do diálogo.

A gestão ao nível dos recursos humanos é de extrema importância para o sucesso da organização, uma vez que o grande diferencial competitivo das organizações contemporâneas é o seu grupo de colaboradores. O conflito faz parte do dia-a-dia das pessoas e a gestão de conflitos no seio de uma organização é vital para o seu bom funcionamento e mesmo para a sua sobrevivência.

1.3. Análise da organização escolar

A realidade mais recente obrigou-me a uma maior observação, escuta e análise das variáveis organizacionais, tanto no plano formal, nomeadamente ao nível dos objetivos, estrutura e recursos da instituição, como no plano informal. “No jogo das interações é, pois, necessário saber reconhecer estas duas faces da realidade organizacional, compreender o contraste entre o explícito e o implícito, o discurso e a prática, ter presente pluralidade, e a descoincidência de objetivos que coexistem na organização escolar.” (Alves, 1995 p.14). Citando Santos Guerra (2002), existem “*zonas pouco iluminadas*” na organização escolar, as quais necessitamos de ter em linha de conta, como a rotina institucional, o pragmatismo quotidiano, os posicionamentos eficientes, a heteronomia funcional, o carácter ambíguo e contraditório dos seus fins, a falta de tempos destinados à reflexão, os mecanismos coletivos de defesa ou a dimensão oculta do currículo, que fazem com que permaneça persistentemente obscurecida uma ampla parcela da vida organizativa das escolas. De acordo com o autor, a assimilação dos esquemas perversos faz com que se considere tudo natural, estando o discurso legitimador da escola de costas voltadas para a preocupação pela perversidade. A sistemática falta de reflexão propiciada pelas urgências da ação, a instalação de *a priori* no corpo social, a sobrevivência garantida da escola independentemente dos resultados das análises, a falta de processos de avaliação externa e o isolamento institucional, fazem com que os mecanismos da perversidade persistam.

Brunson (in Guerra, 2002) fala-nos da perversidade como um traço característico das organizações a que chama de hipocrisia, pois o discurso oficial é puramente teórico, ou seja, existe uma discrepância entre o pensar, dizer e fazer. Fala-se em educar para a liberdade, participação, criatividade, mas isso não condiz com a realidade escolar.

Licínio Lima (in Ferreira, 2004) também nos apresenta uma abordagem de análise organizacional escolar bastante interessante, a que chamou visão díptica da escola e que, convocando várias imagens, é capaz de mostrar duas faces da escola - uma que é aquela que é percebida por todos, e outra, mais escondida, que existe à "margem da lei e das normas" e que pode até ser antinómica da primeira (figura 1). O plano dos discursos revela a escola como uma organização burocrática, mecanicista, articulada, objectiva, onde a ordem e a certeza imperam. O plano da ação mostra-nos a escola como organização ambígua, subjectiva, marcada pela falta de articulação e pela disjunção. A ação dos atores ora se apoia na ordem das conexões, ora promove a ordem das desconexões, constituindo a escola *locus* de reprodução normativa ou *locus* de produção de regras próprias, ou mesmo ambos.

No Centro Infantil esta análise é evidente, uma vez que podemos encontrar a anarquia organizada, por exemplo, na falta de planificação das actividades e visitas de estudo, por parte do grupo de Educadoras, ou a burocracia racional, na divisão minuciosa do trabalho do pessoal de apoio.

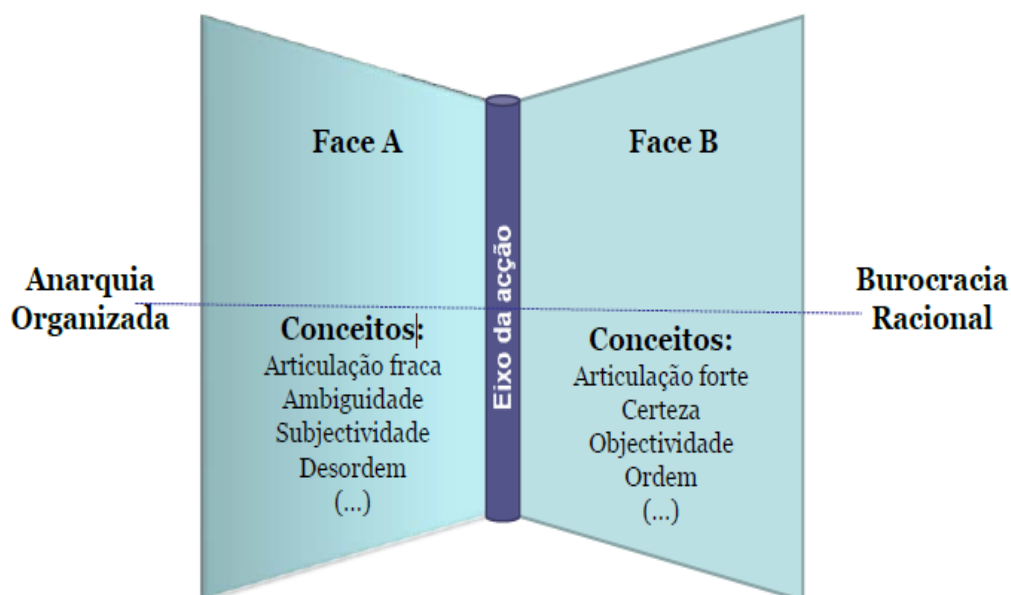


Figura 1: Modo de funcionamento díptico da escola enquanto organização.

Lima (in Ferreira, 2004) entende que as visões mais tradicionais não foram capazes de “mostrar” as organizações escolares concretas e a acção dos atores pois adoptaram uma visão global e panorâmica, traduzindo apenas as regras formais que regulavam globalmente o sistema escolar e as escolas.

A compreensão crítica da escola teoricamente suportada por modelos organizacionais analíticos e interpretativos visa estudar a organização escolar em acção e não apenas as estruturas formais e oficiais, razão pela qual os modelos organizacionais de vocação normativa e pragmática assumem, agora, um papel menos central.

Esta pluralidade configura uma visão holística da organização escolar, que permite ao investigador adotar um olhar panorâmico sobre a escola como um todo, pela utilização de uma *lente* plural, embora se privilegie esta ou aquela *imagem*, este ou aquele mundo, no sentido de aprofundar os detalhes considerados pelo investigador como relevantes e, assim, descrever, compreender e interpretar o funcionamento da organização e as lógicas de acção dos diferentes atores. Apesar dessa focalização, não existirá um *one best way* em termos de modelos organizacionais. Existirá, talvez, um modelo dominante para um dado investigador, dependendo essa seleção teórico conceptual da sua sensibilidade e vivência pessoal, e da crença num valor heurístico superior desta ou daquela perspectiva. Poder-se-á equiparar esta realidade da escola como organização a um *arco-íris de metáforas* ou *espectro de metáforas*, em que as sete cores decompostas, num arco-íris ou através de um prisma ótico, correspondem ao conjunto de perspectivas disponíveis e em que o utilizador se apropria desta ou daquela *cor*, de duas ou mais *cores* para obter outras *cores* e *tonalidades*, conforme o seu gosto pessoal (Silva, 2003).

O ritmo de trabalho é muito intenso e o desempenho de diversas tarefas caracteriza-se por alguma brevidade e simultaneidade. Henry Mintzberg descobriu, nos seus estudos detalhados sobre o trabalho dos gestores, que o trabalho de liderança é caracterizado por constantes interrupções. Metade das suas tarefas dura nove minutos ou menos e apenas dez por cento excede uma

hora. Mintzberg sugere que é a urgência e espontaneidade desse trabalho que constitui uma das suas características mais aliciantes: “Apesar da literatura tradicional, a tarefa de gestão não gera criadores reflexivos de planos; o gestor responde a estímulos tal como um indivíduo, condicionado pelo trabalho, prefere o tempo real ao diferido”. (Mintzberg, 1973 in Whitaker 2000, p.162)

Concluindo, o dilema com que me deparo todos os dias prende-se com o apoio às pessoas que dirigem o verdadeiro trabalho da organização ou debruçar-me sobre a articulação de políticas e planos. A verdade é que a organização necessita de uma política meticulosa e um planeamento estratégico que criem formas claras de desenvolvimento, embora esses desígnios só se realizem e evoluam se o fluxo constante das questões do dia-a-dia for tratado e resolvido. Uma boa organização depende da sua capacidade de resolver as situações que surgem e não da elegância das suas políticas (Whitaker, 2000).

2. Psicóloga num contexto educativo

No processo de escolarização das massas, a escola não sofreu somente alterações quantitativas (mais alunos, mais professores, mais estabelecimentos), mas também transformações qualitativas. A escola massificou-se, acolheu um público mais heterogéneo e multicultural, foi objeto de medidas reformadoras e reorganizou os seus *curricula*, as funções e os papéis docentes multiplicaram-se e diversificaram-se (Formosinho, & Machado, in Costa, Neto-Mendes & Ventura, 2008).

A diversidade e a complexidade dos contextos educacionais atuais demonstram que a organização e administração das escolas devem assentar no desenvolvimento de princípios da descentralização, da participação e da integração comunitária. Surge, assim, uma gestão centrada na escola e nos professores visando a melhoria da qualidade educativa pela abordagem ecológica e contextual aos problemas concretos em presença. Esta gestão assenta em princípios (democráticos) de autonomia, iniciativa, participação e responsabilização da Escola – organização aberta à aprendizagem, capaz de gerir o seu próprio processo de mudança e de auto-regular a sua ação a partir de prioridades próprias e de práticas colaborativas.

Jorge Adelino Costa (1996) define como indicadores da imagem organizacional da escola democrática os seguintes:

- desenvolvimento de processos participativos na tomada de decisões;
- utilização de estratégias de decisão colegial através da procura de consensos partilhados;
- valorização dos comportamentos informais na organização relativamente à sua estrutura formal;
- incremento do estudo do comportamento humano (necessidades, motivação, satisfação, liderança) e defesa da utilização de técnicos para a

“correção” dos desvios (psicólogos, assistentes sociais, terapeutas comportamentais);

- visão harmoniosa e consensual da organização; - desenvolvimento de uma pedagogia personalizada.

É nesta imagem organizacional da escola (democrática) que surgem novos técnicos, nomeadamente os psicólogos, com vista ao estudo do homem social, em interação constante com os outros. “A introdução do factor humano no contexto organizacional (...) trouxe para o mundo empresarial novos técnicos – especialistas em psicologia e sociologia das organizações – e novas áreas de investigação: as estruturas informais na organização, as necessidades, motivações e satisfação individual e grupal, a liderança, a dinâmica de grupos, a participação nos processos de decisão” (Costa, 1996, p.59).

Bártolo Paiva Campos (2004, p.20) refere que estas mudanças fazem emergir a necessidade de recorrer a novos processos ou de reestruturar os tradicionais, de organização do contexto e das oportunidades de aprendizagem. Face a esta complexidade da Educação e das tarefas que a esta estão associadas é fulcral o estabelecimento de novas práticas e paradigmas de intervenção em contexto educativo, bem como a interação entre diversos profissionais, em que se inserem os psicólogos.

É com vista a esta educação holística, na formação de cidadãos aptos para lidar com os novos desafios, que surgem estas novas figuras nas organizações escolares, realçando o contributo para as diferentes áreas do saber e com vista a respostas mais eficazes dos sistemas educativos.

2.1. História dos Serviços de Psicologia em Portugal

No contexto português, o papel do psicólogo começou a sobressair com a introdução dos cursos técnico-profissionais, em 1983. Nessa altura, as funções do psicólogo centravam-se na orientação dos alunos para as escolhas vocacionais e para a implementação destas junto dos alunos. Rapidamente o sistema educativo público descobriu e começa a verificar que os psicólogos contribuem “para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho”, um dos objetivos globais do sistema educativo de acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei 46/86 de 14 de Outubro, art.º2º, n.º4). Reconhece, ainda, que “o apoio psicológico dado aos alunos e à sua orientação escolar e profissional, bem como o apoio psicopedagógico às atividades educativas e ao sistema de relações da comunidade escolar” realizados pelos serviços de psicologia e de orientação escolar e profissional são uma medida que contribui para a igualdade de oportunidades de acesso e sucesso escolar (art.º24º e 26º).

É em 1991 (D.L. nº 190/91 de 17 de Maio) que é criado o Serviço de Psicologia e Orientação e a sua inserção na rede escolar. O modelo de organização definido determina uma intervenção eminentemente psicopedagógica na educação pré-escolar e nos 1º e 2º ciclos do ensino básico, bem como uma vertente de orientação escolar no 3º ciclo do ensino básico e no secundário. As competências dos Serviços de Psicologia no ensino básico compreendem a actuação em três domínios: (1) apoio psicopedagógico a alunos e professores; (2) apoio ao desenvolvimento do sistema de relações da comunidade escolar; e (3) orientação escolar e profissional. O objetivo é proporcionar serviços de consulta psicológica e educacional de modo a promover a resolução de problemas e otimizar o desenvolvimento, no decurso da confrontação do aluno com a experiência escolar.

Definido no artigo 4º do Decreto-Lei Nº 300/97 de 31 de Outubro, o psicólogo desenvolve as suas funções em contexto escolar, competindo-lhe designadamente:

- a) contribuir, através da sua intervenção especializada, para o desenvolvimento integral dos alunos e para a construção da sua identidade pessoal;
- b) conceber e participar na definição de estratégias e na aplicação de procedimentos de orientação educativa que promovam o acompanhamento do aluno ao longo do seu percurso escolar;
- c) intervir, a nível psicológico e psicopedagógico, na observação, orientação e apoio dos alunos, promovendo a cooperação de professores, pais e encarregados de educação em articulação com os recursos da comunidade;
- d) participar nos processos de avaliação multidisciplinar e interdisciplinar, tendo em vista a elaboração de programas educativo e individuais, e acompanhar a sua concretização;
- e) desenvolver programas e acções de aconselhamento pessoal e vocacional a nível individual ou de grupo;
- f) colaborar no levantamento de necessidades da comunidade educativa com o fim de propor a realização de acções de prevenção e medidas educativas adequadas;
- g) participar em experiências pedagógicas, bem como em projetos de investigação e em acções de formação do pessoal docente e não docente;
- h) colaborar no estudo, conceção e planeamento de medidas que visem a melhoria do sistema educativo e acompanhar desenvolvimento de projetos.

Surge, portanto um incremento numa perspetiva desenvolvimental-ecológica, baseada num modelo colaborativo, onde o psicólogo é um

profissional da educação cuja intervenção ocorre a par da de outros profissionais da educação.

De facto, é a teoria ecológica que concetualiza o comportamento humano como função de interações entre as características do indivíduo e os múltiplos ambientes em que funciona, teoria essa que apresenta um grande no âmbito da intervenção psicológica em contexto escolar (Sheridan & Gutkin, 2000).

Nem os psicólogos, nem os professores, nem os alunos, funcionam em isolado. Somos influenciados pelos múltiplos sistemas que nos rodeiam e dos quais fazemos parte (Bronfenbrenner, 1977, 1979, 1993) e, assim, não poderemos efetuar intervenções eficazes descontextualizando os problemas das crianças e dos jovens como patologias internas. É, portanto, necessário, entender o modo como a “disfunção” está relacionada com sistemas mais abrangentes e encontrar meios para intervir eficazmente com estes sistemas (Sheridan & Gutkin, 2000).

As “disfunções” são melhor entendidas como o produto de sistemas multilaterais, proximais, distais e interativos. Entre estes sistemas encontram-se as crianças, os contextos educacionais, os ambientes sociais prevaletentes, sistemas familiares, variáveis das comunidades locais, influências da sociedade e a interação entre todos estes sistemas (Sheridan & Gutkin, 2000). Como referenciado pelo modelo PPCT, de Bronfenbrenner (1993), há que ter em conta quatro elementos do sistema ecológico, que se apresentam em permanente interação dinâmica: a pessoa, o processo, o contexto e o tempo. Só assim se poderá efetivar uma abordagem verdadeiramente adaptada às necessidades de cada indivíduo e adotar procedimentos conducentes ao sucesso.

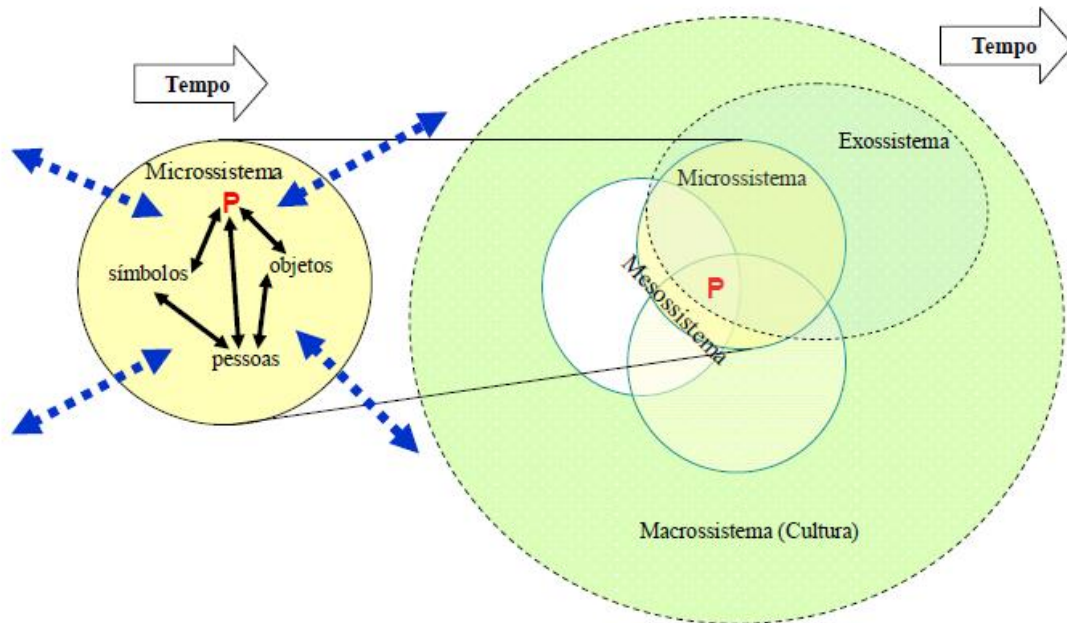


Fig. 2: O modelo PPCT de Urie Bronfenbrenner (fonte: <http://www.uncg.edu/hdf/facultystaff/Tudge/Tudge.%202008.pdf>)

A adoção de uma perspectiva sistémica e ecológica remete para toda uma série de procedimentos de interação e colaboração, para os quais os diversos agentes educativos estão cada vez mais abertos.

De acordo com Joaquim Luís Coimbra (1991, p.22), “o impacto da intervenção do psicólogo depende, em larga medida, da forma como ele se situa em relação aos outros profissionais existentes na escola, e da maneira como ele é percebido por estes”. A necessidade de empreender ações com outros agentes, designadamente professores, ao serviço de um cliente comum, o aluno, sugere a opção por determinadas estratégias de abordagem em detrimento de outras.

De forma a realizar o seu potencial profissional, os Serviços de Psicologia devem estar ligados aos sistemas ambientais que rodeiam as crianças com quem lida (Sheridan & Gutkin, 2000 in Carvalho, 2008). Especificamente, os psicólogos devem desenvolver ligações fortes com as escolas, famílias e comunidades, numa lógica de proximidade com professores, médicos,

terapeutas da fala, professores de educação especial, auxiliares de ação educativas e pais, com vista à prevenção e promoção do bem-estar das crianças.

Os Serviços de Psicologia e Orientação também não podem esquecer a cultura específica da escola onde estão inseridos. As organizações escolares, ainda que estejam integradas num contexto cultural mais amplo, produzem uma cultura interna que lhes é própria e que exprime os valores e as crenças que os membros da organização partilham (Carvalho, 2006). Deve ser considerada uma realidade local e particular diversa, que frequentemente intervém ativamente sobre as orientações e diretrizes provenientes do nível macro (Carvalho, 2008). Assim, a intervenção dos serviços de psicologia, que se inserem nesta realidade, deverá também ter em conta estas circunstâncias, procurando uma compreensão desta cultura específica de cada escola, o que irá potenciar a sua ação.

2.2. O percurso no Serviço de Psicologia e Orientação do Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

Enquanto psicóloga, a minha experiência profissional foi basicamente recolhida no Serviço de Psicologia e Orientação do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, que passei a integrar desde a finalização do curso frequentado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Nessa altura, o Serviço era constituído por uma psicóloga, que mesmo atendendo à falta de recursos humanos conseguia acompanhar os casos considerados mais graves e ainda levar a cabo a implementação de dois programas de desenvolvimento, nomeadamente um programa de promoção de competência cognitivas no 4º ano e um programa de orientação vocacional no 9º ano.

Após a minha entrada no serviço de psicologia e orientação foi realizada uma divisão de trabalho ficando responsável pelas situações que abarcavam os alunos do 1º e 2º ciclos. Desta forma, conseguiu-se dar um maior acompanhamento às situações sinalizadas em termos de dificuldades de aprendizagem, às transições de ciclos e implementar um novo programa no 6º ano, que passaria a ser a primeira etapa no programa de desenvolvimento vocacional.

Esta divisão traduziu-se num maior investimento da minha parte ao nível de conhecimentos técnicos orientados para faixas etárias abaixo dos dez anos, acabando por realizar uma especialização em psicopatologia nas crianças e várias formações em testes específicos para estas idades. Este momento foi bastante gratificante e motivador a nível pessoal e profissional.

O Serviço de Psicologia e Orientação continuou a evoluir e passou a integrar mais uma psicóloga e uma professora de ensino especial. Esta evolução significou, por parte da direcção do colégio, uma valorização do papel do psicólogo no contexto educativo, traduzindo-se também numa maior exigência e articulação de todos os processos ao nível da equipa. Posso salientar sobretudo, neste trabalho de equipa, o círculo de motivação interno, a

partir do estímulo da capacidade de reflexão, criação e superação dos problemas apresentados em cada caso que surgia. Este círculo de motivação interno também era um dos objetivos a passar para o resto dos recursos humanos que faziam parte do colégio, nomeadamente, professores.

Ao longo desta experiência profissional enquanto psicóloga no Serviço de Psicologia do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, a inovação foi sempre uma variável que reinou no Serviço de Psicologia e Orientação, com a orientação de uma coordenadora com mais experiência profissional e que se destacou como uma pessoa que me ajudou a desenvolver uma série de competências, tanto profissionais como pessoais.

A intervenção organizava-se em três eixos:

- Eixo1- intervenção de **carácter remediativo**: atendimento de todos os alunos sinalizados por pais, professores ou pelos próprios para posterior avaliação e intervenção/encaminhamento. As problemáticas que surgem vão desde dificuldades de aprendizagem, divórcio dos pais, perturbações de ansiedade, etc.

- Eixo 2- **promoção do desenvolvimento**: esta modalidade de intervenção consistia na promoção de programas propostos para todos os alunos do CNSL de determinado ano escolar (anexo 4). Procura-se fazer uma avaliação informal de cada sessão, com vista à melhoria do programa. A minha participação nestes programas passou pela planificação e dinamização das sessões, salientando uma em particular que diz respeito ao programa de desenvolvimento vocacional para alunos do 6º ano. O objectivo deste programa passa pela intervenção precoce na construção do projecto vocacional dos alunos, uma vez que no 9º ano têm de tomar uma decisão. De uma forma lúdica, procura-se sensibilizar os alunos para a importância da construção sistemática e reflexiva do seu percurso escolar e profissional.

- Eixo3- **consultoria individual e organizacional**: ao nível individual com as educadoras de infância, professores titulares, directores de turma ou outros docentes, sempre que mostravam necessidade e nas reuniões de docentes,

nomeadamente, conselho de docentes e conselhos de turma. O Serviço de Psicologia e Orientação procura através de momentos formais (conselhos de educadoras/docentes/turma) e informais ter uma atitude colegial, através da procura de consensos partilhados. Nestes momentos, os professores, em conjunto com o Serviço de Psicologia e Orientação tentam encontrar melhores estratégias para o sucesso educativo do CNSL em todos os domínios. Estes problemas e estratégias passam sobretudo por otimizar o rendimento escolar, nomeadamente estratégias para melhorar a atenção e concentração dos alunos ou o comportamento ao nível da sala de aula.

A consultadoria ao nível organizacional passa pela colaboração na constituição das turmas e construção de instrumentos de auto-avaliação da escola. A construção destes instrumentos tem o intuito de promover momentos de auto-avaliação e participação na vida da escola, por parte dos estudantes, através de duas atividades como a Assembleia de Delegados e o Observatório pós ensino básico. A actividade da Assembleia de Delegados consiste numa reunião dos delegados com a directora do colégio, uma vez por semestre, onde os representantes dos alunos transmitem uma avaliação realizada em assembleia de turma, ao nível das actividades lectivas e funcionamento dos diferentes serviços do colégio (anexo 5).

A segunda atividade, o observatório pós ensino básico, foi pensada pelo Serviço de Psicologia e Orientação com o objectivo de avaliar a integração dos alunos que saem do colégio para o ensino secundário. Nesta sessão estão presentes elementos do Conselho Pedagógico, onde numa primeira parte os alunos respondem a um questionário avaliando as disciplinas e outros serviços prestados pelo colégio (anexo 6), e numa segunda parte refletem oralmente algumas práticas do colégio.

Ainda no âmbito do eixo 3, também fiz parte da avaliação e melhoria da organização da escola (integração na equipa de avaliação interna). Com a autonomia, as escolas tornam-se mais responsáveis pelos resultados alcançados pelos alunos. As escolas precisam não só de monitorar o processo

de desenvolvimento curricular e organizacional, mas também de se auto-avaliarem para prestar contas públicas (Campos, 2004).

Concluindo, o impacto da intervenção do psicólogo depende, em larga medida, da forma como se situa em relação aos outros profissionais existentes na escola e da maneira como é percebido por estes. Incentivar a criação de espaços de participação e cooperação inter-profissionais, ou estar ativamente presente nos já instituídos, sem perder de vista o aluno, enquanto principal destinatário da intervenção, num trabalho de equipa (professores, pais e outros agentes). Por outro lado, é também num contexto de um trabalho conjunto e flexível que melhor podemos exercer a nossa influência, quer através das ideias e propostas que passamos e discutimos. Por isso, é tão importante a investigação na prática profissional. De facto, o confronto diário com novos problemas e mudanças levaram à adoção de uma metodologia dentro do Serviço de Psicologia e Orientação que passa pela estratégia de regularmente (pelo menos uma vez por semana), as várias técnicas se reunirem, onde são debatidos os casos sinalizados e onde se procura um diagnóstico e propostas de intervenção para os casos apresentados.

É certo que há ainda um grande caminho a percorrer com vista à promoção da presença ativa da figura do psicólogo nas organizações escolares, no entanto, é-lhe reconhecido um importante papel, não só na perspetiva do trabalho para a resolução de problemáticas relacionadas com os alunos, mas também na preparação dos jovens para o futuro, no acompanhamento do fenómeno educativo e na participação em processos de decisão.

Conclusão

Chegado o final deste relatório, sinto que tinha mais experiências e reflexões a colocar, no entanto, é com agrado que recordo esta experiência como uma oportunidade num contínuo processo de investigação-ação. Foi um percurso de construção pessoal e crítica do saber, onde esteve presente a interrogação, discussão e oscilação de certezas.

Tenho a consciência de que se trata de um trabalho simples, mas que me ajudou, ao longo deste último ano, a ter uma postura construtiva e a explorar formas de atuação à altura das exigências.

A mudança de trajetória no percurso profissional está ainda muito “fresca”, e a verdade é que este último ano, para além da mudança de funções teve também uma série de acontecimentos que neste momento só posso dizer que foram uma verdadeira “prova de fogo” à minha resistência. Os riscos são maiores e as tarefas mais exigentes, mas as recompensas para o sucesso e realização pessoal são mais profundas.

Posso dizer que apesar de finalizada esta reflexão pessoal, o sentimento que tenho é o de que gerir uma escola é, e será sempre um desafio interminável.

Bibliografia

Alves, J. M. (1995). *Organização, gestão e projecto educativo das escolas*. Cadernos pedagógicos. Lisboa: Edições Asa.

Bairrão, J. (1992). A perspectiva ecológica em psicologia da educação. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, 57-68.

Campos, B.P. (1989). Formação pessoal e social e desenvolvimento psicológico dos alunos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 5, 123-134.

Campos, B.P. (1990). O Psicólogo e o Desenvolvimento Pessoal e Social dos Alunos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 6, 83-95.

Campos, B.P. (2004). Novas dimensões do desempenho e formação de professores. *Discursos: Série Perspectivas em Educação*, 2, 13-26.

Carita, A. (1996). O psicólogo na escola: Factores condicionantes e sentido geral da intervenção. *Análise psicológica*, 1(14), 123-128.

Carvalho, R. G. (2008). A dimensão relacional da intervenção dos serviços de psicologia nas escolas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21, (1), 119-124.

Coimbra, J.L. (1991). O psicólogo face aos outros profissionais da Educação: Reflexões sobre a consultadoria psicológica. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 21-26.

Costa, J. A. (1996). *Imagens organizacionais da escola*. Porto: ASA.

Ferreira, S. M. (2004). *A Estruturação Díptica da Gramática de Regras do Agrupamento de Escolas como Organização*. Braga: Universidade do Minho. Dissertação de mestrado.

Formosinho, J. & Machado, J. in Costa, Jorge Adelino, Neto-Mendes, António & Ventura, A. (Org.) (2008). *Trabalho docente e Organizações Educativas*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Guerra, M. S. (2002). Entre bastidores – o lado oculto da organização escolar (texto de apoio mestrado em Ciências da Educação – UCP). Porto: Asa;

Lima e Silva, R. (2005). Estrutura e dinâmica das organizações (escolares). *Revista Iberoamericana de Educación*, 35 (8), 1-10;

Perrenoud, P. (2004). *Aprender a negociar a mudança em educação*. Porto: Asa.

Sergiovanni T. J. (2004). *Novos caminhos para a liderança escolar*. Porto: Asa.

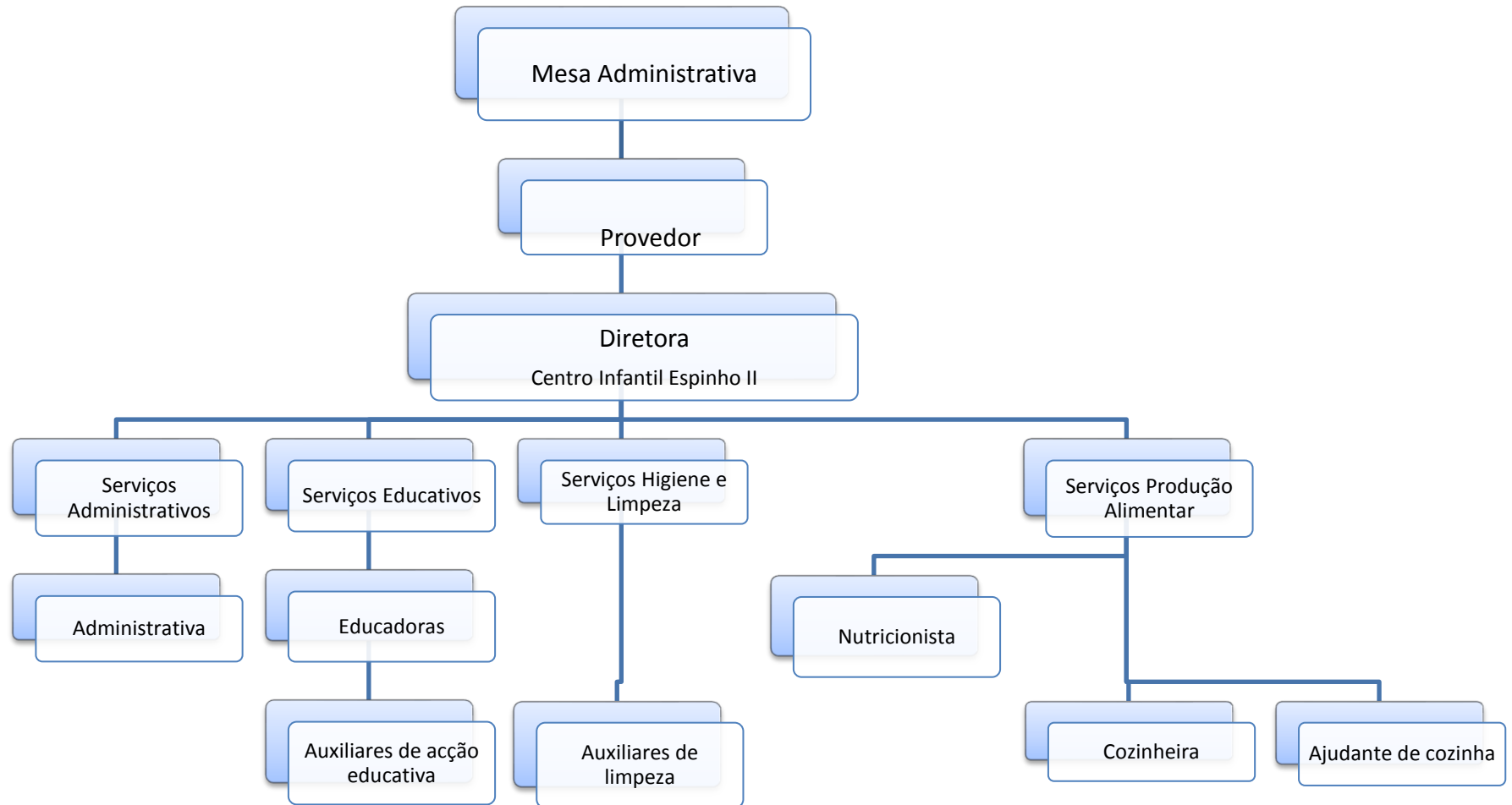
Silva, V. R. (2003). *Escola, autonomia e formação: Dinâmicas de poder e lógicas de acção numa escola secundária de Braga*. Braga: Universidade do Minho. Dissertação de mestrado.

Whitaker, P. (2000). *Gerir a mudança nas escolas*. Porto: ASA.

Anexos

- 1- Organigrama Centro Infantil Espinho II – Santa Casa da Misericórdia de Espinho
- 2- Roteiro Projeto Curricular de Grupo
- 3- Plano Anual de Atividades
- 4- Programas de Desenvolvimento do SPO do Colégio Nossa Senhora de Lourdes
- 5- Grelha Assembleia de Delegados
- 6- Questionário Observatório pós ensino básico

Organigrama Centro Infantil Espinho II – Santa Casa da Misericórdia de Espinho



Guião para elaboração do PCG (Creche e Pré-escolar)

Identificação (na capa)

Escola, turma, faixa etária, ano lectivo, Educadora.

1. Introdução

Justificação da existência do projecto e breve descrição do seu conteúdo.

2. Lista de alunos

3. Caracterização da equipa educativa (Funções, horários, outros técnicos.)

4. Aspectos do desenvolvimento:

- Características gerais do desenvolvimento
- Caracterização do grupo (género e nível etário, alunos novos, alunos estrangeiros, alunos com necessidades educativas já identificadas em anos transactos, assiduidade/pontualidade, comportamento, valores e atitudes, restrições relativamente a certas aprendizagens, etc.)

5. Caracterização sócio-familiar

- Agregado familiar, idade dos pais, habilitações literárias, profissão, número de irmãos, idades, etc.

6. Organização do tempo (Rotinas, ...)

7. Desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem:

- Intenções/Prioridades (Objectivos/estratégias do projecto)
- Planificação anual (objectivos/estratégias para cada uma das áreas de conteúdos)

8. Envolvimento no processo educativo:

- Relação com a família e com os parceiros educativos
- Objectivos na articulação com as famílias

9. Avaliação do processo ensino/aprendizagem

- Critérios de avaliação
- Instrumentos e momentos de avaliação

10. Avaliação do Projecto

Calendarização dos momentos de avaliação do PCG (No decorrer do desenvolvimento do PCG, o educador deverá avaliar as várias etapas do processo, de modo a que essa avaliação seja suporte do planeamento.)

No final do ano lectivo deverá elaborar um relatório.

PLANO ANUAL DE ATIVIDADES 2011/12

Calendarização	Actividade	Objectivos	Responsáveis	Destinatários
1º PERÍODO				
Setembro	Acolhimento das crianças	- Integração e adaptação das crianças ao Centro Infantil	Educadoras e Auxiliares da Creche e pré-escolar	Alunos
Setembro	Reunião de Pais e Encarregados de Educação	- Fornecer informações sobre o funcionamento do Centro Infantil; - Dar a conhecer algumas características da faixa etária de cada grupo; - Contactar com a Educadora e prestar esclarecimentos	Educadoras da Creche e pré-escolar	Pais e Encarregados de Educação
Outubro	Outono	Exploração do tema: "Outono"	Educadoras e Auxiliares da Creche e pré-escolar	Alunos
Outubro	Dia Mundial da Alimentação	Exploração do tema Alimentação	Educadoras e Auxiliares da Creche e pré-escolar	Alunos
Outubro	Visita à Feira e Biblioteca Municipal	- Contacto com a realidade e produtos vendidos numa feira; - Exploração do espaço de uma biblioteca; - Promover hábitos de leitura	Educadoras e Auxiliares do Pré-escolar	Alunos do Pré-escolar
Novembro	Desfolhada Magusto	- Intercâmbio com os idosos - Contacto com as experiências culturais	Educadoras e Auxiliares da Creche e pré-escolar	Alunos

		- Festejo do dia de S. Martinho		
Novembro	Espectáculo Musical: Menina de Pedra	- Exploração dos conhecimentos adquiridos na expressão musical - Contacto com a realidade teatro-musical	Foco Musical	Alunos do Pré-escolar
Novembro	Ação de sensibilização: Crescer com Saúde	- Reflexão sobre as situações de risco que podem causar acidentes; - Promoção de um ambiente escolar saudável e seguro	Enfermeira-chefe da Santa Casa da Misericórdia de Espinho	Alunos das Educadoras Magda e Lina
Novembro	Ação de sensibilização: Higiene Oral	- Reduzir a incidência e a prevalência das doenças orais nas crianças - Melhorar conhecimentos e comportamentos sobre saúde oral	Enfermeira-chefe da Santa Casa da Misericórdia de Espinho	Alunos Pré-escolar
Novembro	Ação de sensibilização: Higiene Oral	- Reduzir a incidência e a prevalência das doenças orais nas crianças - Melhorar conhecimentos e comportamentos sobre saúde oral	Enfermeira-chefe da Santa Casa da Misericórdia de Espinho	Alunos Pré-escolar
Dezembro	Espectáculo de Teatro – Benilde Bzzzoira	- Contacto com a realidade teatral	Companhia de Teatro e Marionetas Mandrágora	Alunos da creche e pré-escolar
Dezembro	Visita do Pai Natal	- Exploração da época festiva	Idosos do Lar da Santa Casa da Misericórdia de Espinho	Alunos
Dezembro	Festa de Natal	-Convívio e celebração do Natal por parte de todos os elementos da Comunidade Educativa	Educadoras e Auxiliares da Creche e Pré-escolar	Comunidade Educativa
2º PERÍODO				

Janeiro	Reunião de Pais e Encarregados de Educação	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação do 1º período - Apresentação das actividades realizadas - Exploração das actividades para o 2º período - Entrega das fichas de informação do 1º período 	Educadoras do Pré-escolar	Pais e EE dos alunos do Pré-escolar
Janeiro	Dia dos Reis	<ul style="list-style-type: none"> - Celebração dos Reis 	Educadoras e Auxiliares da Creche e Pré-escolar	Alunos
Janeiro	Hora do Conto	<ul style="list-style-type: none"> - Promover hábitos de leitura 	Encarregada de Educação	Alunos da creche e pré-escolar
Janeiro	Inverno	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração do tema: "Inverno" 	Educadoras e Auxiliares da Creche e Pré-escolar	Alunos
Fevereiro	Exposição do Mundo dos Dinossauros	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração da era pré-histórica - Contacto com os diferentes dinossauros e as suas origens 	Educadora e Auxiliar dos Grandes	Sala dos Grandes
Fevereiro	Desfile de Carnaval	<ul style="list-style-type: none"> - Celebração do Carnaval 	Educadoras e Auxiliares da Creche e Pré-escolar	Alunos
Fevereiro	Dia do Doente	<ul style="list-style-type: none"> - Promoção de hábitos de vida saudáveis 	Educadoras da creche	Alunos
Fevereiro	"A vinda da doutora à escola"	<ul style="list-style-type: none"> - Celebração do dia do doente; - Desmitificação da ida ao médico 	Educadoras da creche e Encarregada de Educação	Alunos da creche

Fevereiro	“As bolachas vêm à escola”	- Desenvolvimento de competências numéricas e de leitura através de uma receita e fabrico de bolachas	Encarregada de Educação	Alunos Pré-escolar
Fevereiro	Reunião de Pais e Encarregados de Educação	- Avaliação do 1º semestre - Apresentação das actividades realizadas - Exploração das actividades para o 2º semestre - Entrega das fichas de informação do 1º semestre	Educadoras da Creche	Pais e EE dos alunos da Creche
Março	“As bolachas vêm à escola”	- Desenvolvimento de competências numéricas e de leitura através de uma receita e fabrico de bolachas	Encarregada de Educação	Alunos Creche
Março	Visita a uma padaria	- Contacto com o dia-a-dia e a realidade da profissão de padeiro	Educadoras e Auxiliares	Aluno Pré-escolar
Março	Visita aos Bombeiros Voluntários de Espinho	- Contacto com o dia-a-dia e a realidade da profissão de bombeiro	Educadoras e Auxiliares	Aluno Pré-escolar
Março	Dia do Pai	- Celebração do dia do Pai	Educadoras e Auxiliares da Creche e Pré-escolar	Alunos
Março	Dia mundial do consumidor	- Ação de sensibilização dinamizada por um economista	Educadoras e auxiliares	Alunos Pré-escolar
Março	Primavera	- Exploração do tema: “Primavera”	Educadoras e Auxiliares da Creche e Pré-escolar	Alunos
Março	Dia da árvore	- Exploração da importância das árvores na nossa vida - Reflexão acerca das várias finalidades das árvores	Educadoras e Auxiliares da Creche e Pré-escolar	Alunos
Março	Visionarium	- Exploração do dia da árvore e da água	Educadoras e Auxiliares dos	Alunos (Grandes e

			Médios e Grandes	Médios)
Março	Visita do coelhinho da Páscoa	- Celebração da Páscoa - Distribuição de ovinhos de chocolate	Educadoras e Auxiliares da Creche e Pré-escolar	Alunos
Abril	Dia Mundial da Saúde	- Promoção de hábitos de vida saudáveis	Educadoras e Auxiliares da Creche e Pré-escolar	Alunos
3º PERÍODO				
Abril	Reunião de Pais e Encarregados de Educação	- Avaliação do 2º período - Apresentação das actividades realizadas no 2º período - Exploração das actividades para o 3º período - Entrega das fichas de informação do 2º período	Educadoras do Pré-escolar	Pais e EE dos alunos do Pré-escolar
Abril	Museu do Papel	- Contacto com o fabrico manual do papel - Reflexão sobre a reciclagem do papel	Educadoras e auxiliares do Pré-escolar	Alunos do Pré-escolar
Maio	Dia da Mãe	- Celebração do dia da Mãe	Educadoras e Auxiliares da Creche e Pré-escolar	Alunos
Maio	Planetário de espinho	- Visualização de um filme: "A zanga da lua"	Educadoras e Auxiliares do pré-escolar	Alunos do pré-escolar
Maio	Adaptação ao 1º ciclo	- Reflexão sobre a integração no 1º ciclo - Diálogo sobre as semelhanças e diferenças na transição para o 1º ano	Professora do 1º ciclo	Finalistas

Junho	Dia Mundial da Criança	- Celebração do dia mundial da criança	Educadoras e Auxiliares da Creche e Pré-escolar	Alunos
		- Visualização e participação numa peça de teatro: “O Nabo gigante”, no Centro Multimeios Espinho	Educadoras e Auxiliares do Pré-escolar	
		- Visualização de dramatizações levadas a cabo por utentes do Lar e Centro de dia da Santa Casa da Misericórdia de Espinho	Animadora e utentes do Lar e Centro de dia	Alunos do Pré-escolar
Junho	Festa de Fim de Ano	- Convívio e celebração do final do ano lectivo por parte de todos os elementos da Comunidade Educativa	Educadoras e Auxiliares da Creche e Pré-escolar	Comunidade Educativa
Junho	Passeios de final de ano	- Visita ao Parque biológico de Gaia	Educadora e Auxiliares da sala dos 3 anos	Alunos, Educadoras e Auxiliares do Pré-escolar
		- Visita à Quinta de santo Inácio	Educadora e Auxiliares da sala dos 4 anos	
		- Visita à Magikland	Educadora e Auxiliares da sala dos 5 anos	
Julho	Reunião de Pais e Encarregados de Educação	- Apresentação das actividades realizadas no 2º semestre - Avaliação do 2º semestre - Entrega das fichas de informação do 2º semestre	Educadoras da Creche	Pais e Encarregados de Educação dos alunos da Creche
Julho	Reunião de Pais e Encarregados de Educação	- Avaliação do ano lectivo - Apresentação das actividades realizadas no 3º período - Entrega das fichas de informação do final do ano lectivo	Educadoras do Pré-escolar	Pais e EE dos alunos do Pré-escolar

- Visita quinzenal da Biblioteca Itinerante da Câmara Municipal de Espinho (a partir de Fevereiro de 2012)

NOTA: O plano anual de actividades pode sofrer alterações tendo em conta a planificação das Educadoras (as alterações encontram-se a vermelho). Todas as actividades propostas são alvo de reflexão e avaliação por parte da Diretora e Conselho de Educadoras.

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO DO SPO - CNSL

	Projectos	Objectivos	População-alvo	Intervenientes
Pré-escolar	Brincando com a Matemática	Desenvolver competências matemáticas	Alunos dos 4 anos	SPO
			Alunos dos 5 anos	SPO
	Transições 1	Facilitar a transição para o 1º ciclo	Alunos dos 5 anos	SPO
1º Ciclo	Fábrica de Ideias	Promover competências cognitivas e desenvolver estratégias de auto-regulação da aprendizagem	Alunos do 4º ano	SPO
	Transições 2	Facilitar a transição para o 2º ciclo	Alunos do 4º ano	SPO
2º Ciclo	O que posso vir a ser?	Promover o desenvolvimento Vocacional	Alunos do 6º ano	SPO
	Escrit@s	Desenvolver estratégias de reeducação das dificuldades de leitura e escrita	Alunos com dificuldades específicas de leitura e escrita	SPO SAE (Serviço de apoio educativo)
	Transições 3	Facilitar a transição para o 3º ciclo	Alunos do 6º ano	SPO
3º Ciclo	Interligações	Promover o desenvolvimento de competências interpessoais	Alunos do 7º ano	SPO
	Escrit@s	Desenvolver estratégias de reeducação das dificuldades de leitura e escrita	Alunos com dificuldades específicas de leitura e escrita	SPO SAE
	STOP (Se tens olhos pára!)	Prevenir comportamentos de risco	Alunos do 9º ano	SPO
	STEP (Somos todos educadores presentes)	Formação parental no âmbito dos comportamentos de risco na adolescência	Pais e Encarregados de Educação de alunos do 9º ano	SPO
	Tenho que decidir!	Promover o desenvolvimento Vocacional	Alunos do 9º ano	SPO
Pré-escolar ao 9º	“Todos diferentes e especiais”	Sensibilizar para a diferença e para a riqueza da diversidade. Promover uma cultura de respeito por todos, independentemente	Toda a comunidade educativa	SPO SAE

ano		das características pessoais de cada um.		
1º ciclo ao 3º ciclo	Assembleia de delegados e sub-delegados	Avaliar os fortes e fracos do CNSL a vários níveis: aprendizagem nas várias disciplinas, qualidade das instalações e dos serviços	Alunos do 3º ao 9º ano de escolaridade	SPO Direção
Ex-alunos do 9º ano	Observatório pós-ensino básico	Reflectir a transição para o ensino secundário; Avaliar os fortes e fracos do CNSL a vários níveis: aprendizagem nas várias disciplinas, qualidade das instalações e dos serviços	Direção, Coordenação, Professores, SPO, Pessoal não docente	SPO Coordenadores de departamento Direção
Equipa de A.I.	Avaliação interna	Avaliação do funcionamento da organização escolar Definição de estratégias de melhoria	Direção, Coordenação, Professores, SPO, Pessoal não docente	Comunidade Educativa
Equipa Saúde	Projecto saúde	Definição de prioridades e objectivos para o projecto saúde	Comunidade Educativa	

ASSEMBLEIA DE DELEGADOS

AVALIAÇÃO DO 1º SEMESTRE	Organização das atividades letivas Aulas - utilização dos quadros interativos e do moodle, utilização dos laboratórios e da sala de informática, modalidades de avaliação (testes, trabalhos), etc. Visitas de Estudo: número de visitas realizadas, pertinência das mesmas, etc.	Organização dos Serviços de Apoio Atividades de Compensação Serviço de Psicologia e Orientação: por exemplo, projeto “Fábrica de Ideias”, apoio individualizado aos alunos, intervenções na turma, Interligações, OV 6º ano, etc. Serviço de Apoio Educativo: apoio pedagógico personalizado, etc.
PONTOS FORTES		
PONTOS FRACOS		
SUGESTÕES		

<p>AVALIAÇÃO DO 1º SEMESTRE</p>	<p>Organização e funcionamento dos vários espaços escolares</p> <p>(bar, refeitório, biblioteca, secretaria, pátios, sala de jogos, campo de jogos, balneários, salas de aula, sala de informática, laboratórios, etc.)</p>	<p>Atividades festivas /comemorativas (realizadas entre setembro e fevereiro)</p> <p>Por exemplo Magusto, Festa de Natal, Dia de Nossa Senhora de Lourdes, Festa de Carnaval, etc.</p>	<p>Organização das atividades extracurriculares:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pastoral: catequese, JADES, banco alimentar, projeto “Uma ajuda, um sorriso”, celebrações de Natal, campanhas de solidariedade, etc. - Artísticas: guitarra, teatro, ballet, karaté, etc. - Desportivas: torneios, atividades gímnicas <p>Outros projetos: Projeto Saúde, programa Eco-escolas, Mini-Mat, Mini-Bio, Equamat, Dar à Língua, Atividades da Biblioteca, etc.</p>
<p>PONTOS FORTES</p>			
<p>PONTOS FRACOS</p>			
<p>SUGESTÕES</p>			

OBSERVATÓRIO PÓS ENSINO BÁSICO - CNSL

Com este questionário pretendemos avaliar, junto dos ex-alunos do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, a qualidade dos serviços prestados (preparação académica nas diferentes disciplinas, apoio nas tomadas de decisão vocacionais, formação pessoal e social, etc.). **A vossa colaboração é importante para podermos trabalhar cada vez melhor.**

1. Para cada uma das disciplinas e actividades frequentadas no CNSL, **atribui a tua avaliação**, de acordo com a seguinte escala:

A- Insuficiente;

B- Suficiente;

C- Bom;

D- Muito Bom.

Em alguns casos pode acontecer que não haja continuidade na disciplina, no entanto, faz na mesma a tua avaliação.

		A	B	C	D	Justificação da avaliação Insuficiente
Disciplinas	Matemática					
	Ciências Naturais					
	Física-Química					
	L. Portuguesa					
	Inglês					
	Francês					
	História					
	Geografia					
	Educação Visual					
	Educação Física					
	ITIC					
	Educação Tecnol					
	Ed. Art. (Musica)					
	EMRC					
	Área de Projecto					
Estudo Acompa.						
Formação Cívica						

		A	B	C	D	Justificação da avaliação Insuficiente
Outros Serviços	Funcionamento do Refeitório					
	Funcionamento do bar					
	Funcionamento da secretaria					
	Funcionamento da Biblioteca					
	Func ^o da Sala de Informática					
	Qualidade das instalações					
Outros Serviços	Serviço Psicologia e Orientação					
	Pastoral					

2. Dados sobre a transição no 10º ano de escolaridade:

2.1.- Escola que estás a frequentar neste momento: _____

2.2- Curso: _____

2.3.- Aproveitamento no 10º ano

Disciplinas 10º ano	Notas do 1º período	Dificuldades/Mais valias percebidas
Componente geral		
Português		
L. Estrangeira		
Introdução à Filosofia		
Educação Física		
Componente específica		

3. Gostaria ainda de referir que...

Nome: _____ (opcional)

Turma frequentada no 9º ano no CNSL: _____

Ano de entrada no CNSL: Pré 1º ciclo 2º ciclo 3º ciclo